

Trajetória de uma estudante indígena Kadiwéu e Terena que se tornou professora de crianças indígenas em sua aldeia

Trajectory of an Indian student Kadiwéu and Terena who became professor of indigenous children in her village

Edineide Bernardo Farias*

Este relato de minha trajetória como aluna em escolas indígenas e não indígenas mostra minha experiência na área da educação escolar, experiência essa que me possibilitou assumir a responsabilidade de ser professora de crianças indígenas na aldeia Buriti da etnia Terena, da qual faço parte, trazendo uma descrição de meu cotidiano escolar desde os tempos iniciais numa escola da etnia Kadiwéu, da qual meu pai faz parte, passando por uma escola da etnia Terena, da qual minha mãe faz parte, bem como da experiência, algumas vezes até traumática, em escolas não indígenas nas cidades de Campo Grande, capital do estado de Mato Grosso do Sul e em Sidrolândia, município distante 70 km dessa capital e 30 Km da aldeia indígena Buriti, da etnia Terena, onde vivo desde os seis anos e onde pude iniciar minha carreira como professora na educação escolar indígena.

Essa descrição é também parte da introdução de minha dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), vinculada a linha de pesquisa 3 - Diversidade Cultural e Educação Indígena, intitulada "A criança indígena Terena da Aldeia Buriti, em Mato Grosso do Sul: O primeiro contato escolar", que faz referência ao primeiro contato da criança indígena a partir do momento em que ela passa a ser inserida na pré-escola iniciando a sua vida escolar.

* Mestranda no PPGE/UCDB. Professora na Escola Municipal Indígena Alexina Rosa Figueiredo, da Aldeia Buriti, da Etnia Terena. E-mail: edineide.bernardo@yahoo.com.br

Procuro aqui falar um pouco da minha trajetória como criança, jovem mulher, mãe e professora indígena, que tenho feito minha carreira acadêmica vivendo essa condição de ser híbrida, por transitar tanto junto à cultura de meus povos, vivenciando a cultura tradicional das etnias às quais pertencço, ao mesmo tempo em que minha história passa pelo convívio direto com os não índios, me fazendo ser o que sou, e que não tenho dúvida, sou Kadiwéu e Terena, e, portanto, menciono aqui um pouco da minha vida, buscando esclarecer que pertencço a duas etnias: Terena e Kadiwéu, porque sou filha de pai da etnia Kadiwéu e mãe da etnia Terena.

Primeiramente vou começar contando da minha fase de criança.

Quando eu ainda morava com o meu povo indígena Kadiwéu, me lembro com muitas saudades que eu podia fazer tudo que me fazia feliz, lá todo mundo era falante da língua materna indígena, sendo que entre os Kadiwéu há dois idiomas, ou seja, são separados por gêneros masculino e feminino, então como o meu pai é Kadiwéu não ensinava a mim e minha irmã a falar na língua Kadiwéu, pois isso era responsabilidade das mulheres, e minha mãe não pertencia a essa etnia, e sim à etnia Terena. Ele dizia que eu tinha que apreender ouvindo as mulheres falar, então eu não consegui apreender a língua Kadiwéu, mas entendia muitas coisas na língua de meu pai, mesmo sempre achando muito difícil aprender a falar a língua Kadiwéu.

Mesmo não sabendo falar a língua indígena paterna, apreendi muito da cultura Kadwéu, principalmente os rituais considerados sagrados para nós, sendo as festas tradicionais da dança do Gugué, dança realizada em momentos sagrados, na festa da menina moça, a primeira vez que uma criança dança no meio dos adultos, isso quando conduzido por um ancião.

Já a festa de moça acontece quando a menina fica menstruada pela primeira vez, inclusive os meus pais e toda a minha família fizeram a minha festa de moça, que acontece durante dois dias quando é oferecido carne assada para todos que estão presentes, e a dança ritualizada dos “bobos”. Na verdade, para toda a comunidade, e eu, que era a anfitriã da festa, ficava dentro de casa com o corpo todo desenhado com o grafismo indígena Kadiwéu, sentada sob uma pele de animal também toda desenhada, era usado também um lenço com as bordas enfeitadas de moedas, essas moedas são perfuradas e costuradas no lenço de cor vermelha, e, para completar a festa, é necessário a presença do bobo representado pelos homens com idade na fase adulta, que são considerados como divindade sagrada entre os Kadiwéu.

Muitas vezes saía da escola ainda em horário de aula e ia acompanhar o bobo; o bobo é uma mitologia cosmológica do meu povo Kadiwéu, assim contado pelo meu pai.

Antes de morar no núcleo que é considerado a aldeia Alves de Barros, da etnia Kadiwéu, eu morava na área de terra da minha família paterna que

se localizava aproximadamente a 40 km do núcleo que é considerado como sendo a aldeia, tendo morado nesse lugar até oito anos.

Em seguida morei durante três anos, na aldeia Alves de Barros, da etnia Kadiwéu, no município de Porto Murtinho, Mato Grosso do Sul e, nesse período, eu era aluna da escola indígena onde as aulas eram ministradas por uma professora indígena Kadiwéu, que falava com muita dificuldade a língua portuguesa. Durante as aulas todos eram falantes da língua materna Kadiwéu, exceto eu. Por esse motivo, em muitos momentos a professora tinha que explicar os conteúdos das aulas em língua indígena. Me lembro de que ela sempre dizia que eles estavam na escola para aprender a falar a língua portuguesa, usavam o seguinte termo “temos que falar igual os brasileiros”, mencionando assim os não indígenas.

Estudei desde a 1ª até a 3ª série na aldeia Alves de Barros, ou seja, em uma escola indígena. Lembro-me que era muito bom estudar lá, na escola não tinha muros nem mesmo grade para nos aprisionar dentro de um único espaço. Bom mesmo era no intervalo quando nós íamos brincar de pega-pega, correr no campo de futebol e, como eu morava em uma casa próxima da escola, eu ia pra casa no intervalo e ainda levava meus colegas para compartilharmos um lanche juntos, isso quando não tinha lanche na escola.

O lanche era feito embaixo de uma pequena cobertura de telhas, não havia paredes, a comida era preparada no fogão à lenha. Geralmente o lanche era só sopa de macarrão, a cozinha ficava próxima a um pequeno córrego; como a sopa era servida ainda quente, muitos alunos esfriavam o lanche dentro do córrego colocando o prato como barquinho e, nesses momentos, nenhum professor acompanhava os alunos. Na época não entendia por que algumas vezes tínhamos o lanche e outros dias não, mas isso a professora nunca explicou, também até hoje não sei se ela saberia explicar isso aos alunos.

Depois que concluí a 3ª série, ficava pensando “onde eu iria estudar”? Na verdade só me restavam duas opções, estudar e morar na cidade de Campo Grande ou mudar para a aldeia Buriti e morar juntamente com os meus avós Terena, mas isso era de responsabilidade apenas dos meus pais. Foi então que, com muitas dificuldades, meus pais compraram uma casa na cidade de Campo Grande e me deixaram morando com uma família indígena Terena dentro desta casa, e lá morei durante um ano para poder estudar.

Foi aí que para mim começaram a surgir as maiores dificuldades de minha infância, ou seja, morar na cidade, estudar em escola não indígena. Fui estudar na Escola Estadual Olinda Conceição Teixeira Baixo, no bairro Buriti, sendo que o meu primeiro dia de aula foi muito diferente da minha realidade, achei tudo diferente. Primeiro o tamanho da escola já me assustou, depois a quantidade de alunos, e, antes de iniciar as aulas, todos os alunos tinha que

formar filas no pátio da escola e caminhar em direção às nossas salas de aulas, isso todos os dias, e eu não entendia por que fazíamos isso.

Depois, a professora era negra, mas com um pensamento todo embranquecido, pois só tinha a cor de pele negra, porque o pensamento era o oposto, em nenhum momento se considerava negra, sendo que me discriminava por eu ser indígena.

Como na escola que eu estudava não tinha um professor que exercia o cargo de diretor, então eu não sabia o que era um diretor ou diretora, e a professora dizia sempre “não vou ficar me preocupando com alunos que não querem nada, vou mandar logo lá para o diretor”.

Confesso que foi muito difícil estudar em uma escola de não indígenas. Nesse período, não consegui fazer nenhuma amizade na escola, nem mesmo fora dela, com crianças de minha idade, acredito que pelo fato de ser indígena, pois havia uma grande rejeição por parte das pessoas não indígenas.

Estudar na escola não indígena, ainda criança, foi muito sofrido em diversos aspectos, social, econômico e principalmente psicológico. Durante esse período, sofri muitos preconceitos na escola não indígena, a maioria das vezes partindo da minha própria professora, de sala de aula, ela sempre dizia “como que índio não sabe nada mesmo”, referindo-se a mim, porque eu não conseguia acompanhar os conteúdos. Ela explicava os conteúdos rápido demais e, quando eu tinha a coragem de perguntar alguma coisa referente ao conteúdo, ela sempre dizia que eu não prestava atenção. Hoje reflito tudo isso e admiro a mim mesma e fico pensando como consegui passar por tudo isso sem ter orientação de como era viver com outras pessoas não indígenas, sendo apenas uma criança?

Após esse período de estudo na escola de não indígena, retornei para a aldeia, mas agora comecei a morar na aldeia indígena Terena da aldeia Buriti. Morei com os meus avós maternos. Isso eu tinha nove anos de idade e foi morando na aldeia Buriti que tive oportunidade de continuar os meus estudos na cidade de Sidrolândia. Morava na Aldeia Buriti, mas estudava na cidade em escola não indígena.

Usava o transporte escolar oferecido pelo município de Sidrolândia, e todos os dias ele fazia o percurso da aldeia até a cidade. O transporte era somente para os alunos que pertenciam ao município de Sidrolândia, mas, por acordos políticos, eu e outros alunos indígenas que morávamos na aldeia Buriti conseguimos ser usuários do transporte escolar, mas com a seguinte condição: não tínhamos direito de usar as poltronas, porque eram exclusivas para os alunos que pertenciam à aldeia pertencente ao município de Sidrolândia, e a aldeia Buriti pertencia ao município de Dois Irmãos do Buriti.

Dessa vez, estudar na escola não indígena, foi diferente, pois lá havia muitos alunos indígenas estudando na mesma escola, e eu já não me sentia mais uma estranha dentro da escola.

Assim foi durante três anos, viajava em pé todos os dias, até que foi ofertado à antiga 8^a oitava série, hoje 9^o ano do Ensino Fundamental, na Aldeia do Córrego do Meio. A Aldeia está localizada na Terra Indígena Buriti, mas pertence ao município de Sidrolândia.

A aldeia possui a sua própria organização, diferente da Aldeia Buriti, onde moro, e estudar lá foi um pouco estranho, pois estudava em escola indígena, mas com professores não indígenas; o que me deixava feliz era saber que estava estudando dentro da aldeia. Eram muito boas as aulas de língua portuguesa, que muitas vezes acontecia na oca, um espaço sem paredes, coberto de capim sapé, e não fechados em sala de aula.

Para cursar o ensino médio, novamente mudei para a cidade de Campo Grande, pois o Ensino Médio não era ofertado em nenhuma escola das aldeias pertencentes à Terra Indígena Buriti.

Consegui através do meu avô materno uma moradia na casa de uma nutricionista que desenvolvia trabalho de pesquisa na aldeia Buriti. Eu e uma tia fomos morar com ela para estudar. Lá foi tudo muito difícil, mesmo tendo todo o conforto que era oferecido por ela, pois o meu modo de vida era muito diferente daquele que fui obrigada a adquirir.

A doutora tinha apenas uma filha de 12 anos de idade, que era adotiva, por isso ela me aceitou e dizia que me considerava como filha. Na casa onde morei, tinha muito conforto, mas não tinha amigos, até mesmo nunca conheci os vizinhos, no bairro havia muitas casas luxuosas, mas sempre com os portões fechados, e, quando os vizinhos saíam, sempre estavam com os vidros de seus carros fechados.

Iniciei o ensino médio em uma escola pública, na Escola Estadual Hércules Maymone, localizado na rua Joaquim Murtinho, 2612 - Itanhangá Park, e, dessa vez, já não me sentia muito discriminada, acho que por morar na casa de uma nutricionista, muitos colegas não entendiam como tinha conseguido morar com ela, eles sempre falavam “você são ricas não deviam estar estudando aqui, porque o seu lugar é em escola particular”, mas nunca me senti rica, como meus colegas diziam, porque nada na casa era meu, até mesmo para comer não me sentia bem, muitas vezes tinha que pedir permissão para poder comer alguma coisa, sendo que na aldeia não tinha nada disso.

Mas isso me ajudou nos meus estudos, não precisei trabalhar para poder estudar, e depois de um ano estudando em escola pública, ela nos matriculou em uma escola particular, na Escola Latino Americano, que localizada na Avenida Mato Grosso, e lá os professores respeitavam muito mais, mas somente as amizades foram diferentes. Lá cada aluno tinha seu grupo, eu

e minha tia ficávamos mais observando, mas todos os alunos conversavam conosco, sempre convidavam para sair, para passear e ir para as festas, mas nunca aceitamos os convites.

Depois de dois anos morando com a doutora, saí da casa dela, mas continuei morando na cidade de Campo Grande, só que agora em uma casa muito mais humilde, em um bairro afastado do centro da cidade. A casa era de meus pais, que tinham conseguido vender a primeira casa adquirida e compraram outra casa, com a venda da primeira casa. Nessa casa, moravam só indígenas, todos parentes, eram cinco pessoas contando comigo, a casa tinha seis cômodos. Todos que estavam morando na casa estavam estudando no ensino médio.

Morei nessa casa até a conclusão do ensino superior, que cursei na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Teve um período quando já estava no ensino superior que passei por muitas dificuldades na universidade e em casa, às vezes não tínhamos nada para comer em casa, fazia apenas uma refeição por dia no restaurante universitário da UCDB, a refeição era o almoço, só conseguia essa refeição por trabalhar no Centro de Documentação Teko Arandu, no Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas (NEPPI), e assim conseguia pagar a conta todo final de mês.

No começo da minha graduação, eu tinha apenas 25% de bolsa para alunos indígenas, que com muito sacrifício consegui adquirir da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), a outra parte os meus pais conseguiam pagar, mandando dinheiro da aldeia para o restante das mensalidades.

Após alguns meses de estudo, surgiu a oportunidade de trabalhar no Centro de Documentação Teko Arandu, dentro da UCDB, com parceria do projeto Rede de Saberes, que foi criado para ajudar os acadêmicos indígenas com a permanência nas universidades.

Foi graças ao projeto Rede de Saberes que consegui concluir o meu curso de graduação de licenciatura em letras. Participei de diversos cursos, oferecido pelo projeto, como: aulas de metodologia científica, aulas de informática, de oratória, de redação, de gramática, e também aproveitei para ter aulas particulares das disciplinas que tinha dificuldade de acompanhar na graduação, isso tudo oferecido pelo projeto.

Tive a oportunidade de ser aluna bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), tendo como orientadora a professora Dra. Marta Regina Brostolin, que me ensinou a fazer e desenvolver trabalhos de pesquisa científica. A partir disso, recebia uma bolsa no valor de trezentos reais, usava o valor para pagar as minhas mensalidades, já que não recebia mais ajuda de meus pais para isso.

Optei por estudar na UCDB por ter informação de que a universidade tinha projetos voltados para a população indígena, mesmo sendo uma

universidade privada, não “fechou as portas para alunos indígenas”, consegui terminar o meu curso no ano de 2008, e retornar para a aldeia Buriti, isso sempre foi o meu maior anseio.

Após retornar para a aldeia, consegui atuar como professora para trabalhar na escola indígena dentro da aldeia, a Escola Municipal Indígena Alexina Rosa Figueiredo da Aldeia Buriti, onde estou até hoje. Após seis anos atuando como professora nessa escola, consegui passar na seleção para o Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), e isso me fez acreditar que posso trabalhar ainda mais pela minha comunidade, pelo meu povo Terena, pois estudo não somente para mim, mas para contribuir com a educação escolar indígena da minha comunidade.

Partindo dessa realidade é que me propus a desenvolver em meu mestrado uma pesquisa desenvolvida na aldeia indígena Buriti, Terra Indígena Buriti, localizado no município de Dois Irmãos do Buriti, em Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 90 km a sudoeste de Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul, com uma área limitada de 2.090 (dois mil e noventa) hectares, sendo que essa pequena área esta subdividida em nove aldeias, abrangendo territórios dos Municípios de Dois Irmãos do Buriti e Sidrolândia.

Segundo Eloy (2014):

O estado de Mato Grosso do Sul concentra atualmente a segunda maior população indígena do Brasil, destacando-se os seguintes povos: Terena, Guarani, Kaiowá, Kadiwéu, Kinikinau, Guató e Ofaié. Atualmente, as comunidades indígenas sofrem com problemas sociais de várias ordens, que incluem a educação, saúde, violência e fome. Toda essa problemática está intimamente ligada à questão territorial, resultado de processos de perda da terra que se deu de maneira diferente com relação a cada povo. De outra parte, defende-se que é a partir desses territórios, considerados essenciais para os povos indígenas, que tais comunidades poderão, tendo como referência suas cosmovisões, serem protagonistas de suas próprias tomadas de decisão, gerindo seus territórios e garantindo uma sobrevivência com o mínimo de qualidade de vida. (ELOY, 2014 p. 15).

Devido ao crescimento demográfico da população indígena da Aldeia Buriti, a área está sendo insuficiente para o plantio de alimentos cultivados pelos Terenas como a mandioca, milho e feijão, que são os principais produtos de consumo deste povo. Vale ressaltar que ainda existem 15.010 mil hectares em processo de retomada há quatorze anos na Terra Indígena Buriti. Com isso, o Povo Terena está confinado em um pequeno espaço territorial, mas, apesar de tudo isso, é um povo que luta constantemente pelos seus ideais.

A aldeia possui duas escolas onde foi desenvolvida a pesquisa de campo, sendo a Escola Municipal Indígena Alexina Rosa Figueiredo, mantida pelo

município de Dois Irmãos do Buriti à qual pertence a Aldeia Buriti, que atende alunos da pré-escola, séries iniciais e ensino fundamental, e outra, a Escola Estadual Indígena Natividade Alcântara Marques, mantida pela Secretária de Educação do Estado de Mato Grosso do Sul, tendo como público alunos do ensino médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A pesquisa teve como objetivo descrever como as crianças Terena da Aldeia Buriti transitam entre os saberes da educação escolar e os conhecimentos tradicionais Terena no seu primeiro contato escolar.

As perguntas que embasaram a pesquisa foram: as crianças estranham a escola? Elas demonstram este estranhamento? De que forma? As crianças sentem diferença entre o contexto da escola e o contexto familiar? Como a escola recebe as crianças? Como os pais percebem esse primeiro contato?

A partir dessas indagações, essa pesquisa buscou primeiro fazer uma contextualização do povo Terena, com foco na aldeia Buriti e, em seguida, buscou entender a criança Terena antes de seu primeiro contato escolar para, a partir dessas referências, analisar as formas de ensino aprendizagem da criança indígena Terena nos seus primeiros contatos com a educação escolar. Buscou-se entender o impacto sofrido por elas, dentro desse contexto escolar, como ela se sente dentro de algo que já não mais oportuniza liberdade de “viver”, criando a partir de então horas para serem cumpridas sem que ela tenha condição de realizar tal conduta, nas relações entre a pedagogia do cotidiano e a escola.

Minha busca na formação em nível de mestrado, além, claro, de ser um esforço para ampliar meu conhecimento e formação como professora, sabendo que ainda são poucas as professoras indígenas que têm tido a oportunidade de ter formação de mestrado, partiu também da constatação de que são poucos os estudos relacionados a criança indígena Terena, e, portanto, busquei investigar o que a Escola Municipal Indígena Alexina Rosa Figueredo da Aldeia Buriti vem fazendo para que as crianças continuem valorizando a sua cultura como indígena, mas sem deixar de obter o gosto pelas novas aprendizagens, ou seja, como está sendo a compreensão da criança indígena Terena no novo contexto de convívio social escolar.

Acredito que, para mim, enquanto indígena, filha de pai Kadiweu e mãe Terena e professora da Escola Municipal Indígena Alexina Rosa Figueredo da Aldeia Buriti, o desenvolvimento desta pesquisa é de extrema importância, pois conheço de perto a realidade das crianças indígenas Terena da aldeia Buriti.

Vale ressaltar que para o Terena todas as famílias devem sempre ter a presença de crianças, para que assim não percam a sua forma de ensinar as práticas culturais do seu povo. Então, a partir disso, se iniciam as formas da educação indígena sem que haja “muros”, para que ela se sinta livre para buscar constantemente novas aprendizagens culturais.

As crianças Terena possuem um laço muito forte com a natureza, pois são os primeiros meios onde se sentem livres para viver, sorrir e brincar, usando dela para novas descobertas de uma rotina terenizada, e assim as crianças conseguem articular-se muito bem, sem deixar de mencionar que, dentro da cultura indígena Terena, vão sendo incorporadas novas representações.

A escola é uma das representações que hoje é muito bem aceito dentro da cultura Terena, mas atualmente a comunidade luta para que a escola compreenda o povo Terena enquanto povo e as suas representações culturais, e não mais partindo das imposições vindo de “fora” para “dentro”.

A partir da escola e suas novas representações, dentro da Aldeia Buriti procuro descrever a criança indígena Terena no seu primeiro contato escolar e, dentro disso, buscar entender se a escola está preparada para receber a criança indígena Terena respeitando os seus limites, os primeiros impactos sofridos pela criança indígena Terena no primeiro contato escolar ao ser inserido na pré-escola; se existe diálogo entre os saberes tradicionais familiares e os novos saberes da educação escolar indígena, ressaltando o processo de socialização da criança indígena terena da Aldeia Buriti no contexto familiar, sendo elas vivenciadas na comunidade local nos seus costumes e crenças, pois isso é uma das maneiras de vivenciar a cultura indígena Terena, ressaltar a importância dos processos próprios de aprendizagem da criança indígena antes de chegar ao processo escolar.

Minha trajetória de estudante indígena, que ainda continua – e pretendo avançar ainda mais, se possível na conquista de um doutorado, mas já com conquistas que inicialmente nem pensava que seria possível, como me tornar professora, podendo trabalhar na aldeia indígena onde moro, com as crianças indígenas de minha própria etnia –, mostra que nós mulheres indígenas temos o direito e a possibilidade de conquistar um lugar de destaque na educação brasileira, servindo a nossa própria comunidade e com isso contribuindo com a melhoria de vida e manutenção da cultura de nosso próprio povo, mas sem perder a dimensão de que estamos vivendo em tempos em que necessitamos também ter o domínio dos conhecimentos dos não indígenas para que possamos ter nossos direitos respeitados. E a educação escolar indígena tem muito a contribuir com esse processo.

Estou fazendo um esforço, dentro de minhas possibilidades, para que meu povo, os Terena, que por anos vem sofrendo um processo doloroso de exclusão e perda de suas terras e de sua identidade, possa, através da educação escolar indígena e do envolvimento desta com a luta das lideranças e de toda a comunidade, ter seus direitos garantidos pelo poder público brasileiro. Mais do que isso, que possa ter o respeito da comunidade local e nacional, e que possamos ser reconhecidos como um povo que tem direitos ancestrais sobre nossas terras, de mantermos nossa cultura, de sermos reconhecidos como

os primeiros habitantes dessas terras e, portanto, merecedores de respeito e reconhecimento. Entendo que a educação escolar indígena é um dos lugares onde podemos trabalhar com amor e dedicação para que nossos filhos possam viver melhores momentos do que os povos indígenas já viveram em nosso país.

A educação escolar indígena para mim é local de luta e libertação da opressão secular por que tem passado os povos indígenas no Brasil.